

Capitalismo e Melancolia no Filme Blade Runner

Clodoaldo do Nascimento Bastos*

O filme *Blade Runner*¹ é fruto das mudanças que abalam os Estados Unidos e o mundo com as crises dos anos sessenta e setenta, e que culminam na estagnação e recessão dos anos oitenta do século XX. A obra dialoga com os anseios, pessimismo, problemas ambientais, precarização do mundo do trabalho, violência policial, Estado mínimo neoliberal; logo, é uma obra futurista que projeta no ano 2019 os exageros dos problemas do capitalismo da década de oitenta.

Uma América que tinha um Estado integracionista que integrava os trabalhadores ao capitalismo, tinha uma previdência social, seguro desemprego, nível elevado de consumo de mercadorias industrializadas; de repente vê o ovo se chocar e de dentro dele sair os filhos da contradição com movimento de trabalhadores devido as crises a partir dos anos sessenta, movimento de mulheres contra o sexismo, de negros. Além deles, vemos a partir da década de setenta o aumento de trabalhadores diaristas, do lupemproletariado e moradores de ruas.

Quanto a pobreza e miséria, na década de 1980 muitos dos países mais ricos e desenvolvidos se viram outra vez acostumando-se com a visão diária de mendigos nas ruas, e mesmo com o espetáculo mais chocante de desabrigados protegendo-se em vãos de portas e caixas de papelão, quando não eram recolhidos pela polícia (HOBSBAWM, 1995, p.396)

O Estado integracionista, que era visto como de *bem estar social*, passa a ser mínimo para o social (saúde, educação, previdência) e máximo para o controle social (controle policial,

* Graduado em História (UEG), mestre em sociologia (UFG).

1 O enredo do filme se passa em 2019, numa Los Angeles pós-guerra, onde grande parte dos animais foram extintos, tendo agora apenas seus simulacros, não se vê vegetação e a luz do sol não brilha mais como antigamente, pois é obstaculizada pela poluição. Neste futuro sombrio, onde a escuridão, fumaça, lixo e uma chuva ácida constante fazem parte da ambientação, há algo de melancólico e desumanizador, isso se intensifica com a questão das réplicas humanas, os *replicantes*, seres criados geneticamente para serem “escravos”, mercadorias que irão fazer o trabalho dos seres humanos nas colônias fora do planeta terra. Devido aos problemas ambientais a vida em nosso planeta se torna difícil e inóspita, com isso há a procura de outros planetas para abrigar os seres humanos, as colônias espaciais, que seriam algo parecido com que foram as colônias produtos da expansão marítima e capitalista no planeta Terra. Porém nem todos podem ir para esses planetas, parte considerável de marginalizados, doentes, pobres, e pessoas com profissões fundamentais para manter a produção e a ordem em nosso planeta são proibidos de saírem dele. Inversamente os replicantes, os androides que tem sua força de trabalho explorada, são proibidos de retornarem ao nosso planeta, sob a pena de serem “removidos”, “aposentados”, ou meramente exterminados pelos Blade Runner’s, caçadores de recompensa que trabalham para a polícia e tem como função exterminar replicantes fugitivos. (BASTOS,2018, p.56).

aumento de penitenciárias), encarceramento em massa é o que resta para aqueles que compõem o exército de desempregados do modo de produção capitalista.

Apesar de ser colocado pela ideologia burguesa como bem-estar social, o Estado integracionista era como qualquer outro estado, representante dos interesses da classe dominante; não era o bem-estar que era visado, mas o amortecimento da luta de classes e aumento da produção em massa.

Uma sociedade que já era amedrontada pelo perigo nuclear passa a ter medo do colapso ambiental; o futuro não é mais um projeto iluminista, mas na onda da falta de perspectivas pós-estruturalistas que fragmenta, apenas descreve sem explicar, e não tem projetos de totalidade para o futuro, vemos um reformismo cada vez mais micro, pessimista tomar conta da agenda política.

Tudo isso deságua numa melancolia e falta de esperança com dias melhores, esse ar lúgubre faz parte do universo ficcional *cyberpunk*² do filme *Blade Runner*.

Ao contrário de obras cheias de alegria feitas na mesma época, como *ET- o extraterrestre*, a obra dirigida por Ridley Scott é tenebrosa, escura, esfumaçada e triste. Seus personagens humanos são solitários, mesquinhos e burocratizados, o personagem Deckard é o rosto sem expressão da burocracia, ser sem amigos e com uma visão limitada de seu trabalho e da sociedade.

A mercantilização das relações sociais no modo de produção capitalista torna os indivíduos mais competitivas, individualistas e solitárias; numa sociedade onde os problemas deixam de ser do Estado e da coletividade e passam a ser do indivíduo, como a questão da criminalidade e da falta de estudo; as glórias e “lucros”, também são apenas do indivíduo transcendental.

Não há alegria nos seres humanos do filme, são pessoas preocupadas apenas em lucrar, como Eldon Tyrrel³, ou em cumprir sua função, como Deckard, e voltarem para seus lares solitários; são pessoas mercantilizadas e burocratizadas do capitalismo contemporâneo.

² O *cyberpunk* é fruto das mudanças ocorridas na sociedade e na tecnologia dos anos oitenta do século XX, as obras deste subgênero da ficção científica trabalham com o lema: "Alta tecnologia e baixa qualidade de vida" ("High tech, Low life"); são histórias que se passam em um futuro sinistro, sombrio e melancólico onde houve um alto desenvolvimento tecnológico, porém, a vida humana não passou pelo mesmo desenvolvimento, ele regrediu com a exploração, dominação, poluição, problemas urbanos como violência, miséria, drogas, controle social truculento etc.

O termo *cyberpunk* aparece no início da década supracitada e foi usada pelo escritor Bruce Bethke em um conto chamado *Cyberpunk*. O termo *cyber* remete a cibernética, a computadores, é ligada nas histórias a realidade virtual, aos hackers; já o *punk* tem a ver com a atitude contestatória do movimento punk, contestação moral, a sociedade capitalista, e passa também pelo estilo das roupas, pelo som de rock (BASTOS,2018, p.21).

³ Empresário e cientista, dono da empresa Tyrrel, criador dos replicantes, seres geneticamente para trabalho escravo. No filme os replicantes são proibidos de saírem das colônias espacial onde habitam, se

No regime de acumulação integral⁴, “toyotista”, se produz mais em menos tempo e com menos trabalhadores; assim temos que consumir mais e mais rápido. Surgem assim produtos instantâneos, macarrão, cafés; e descartáveis, fraldas, talheres. A vida útil de eletrodomésticos e automóveis, passa a ser mais curta. Consumimos mais produtos por menos tempo, a roda frenética do mercado não para de girar.

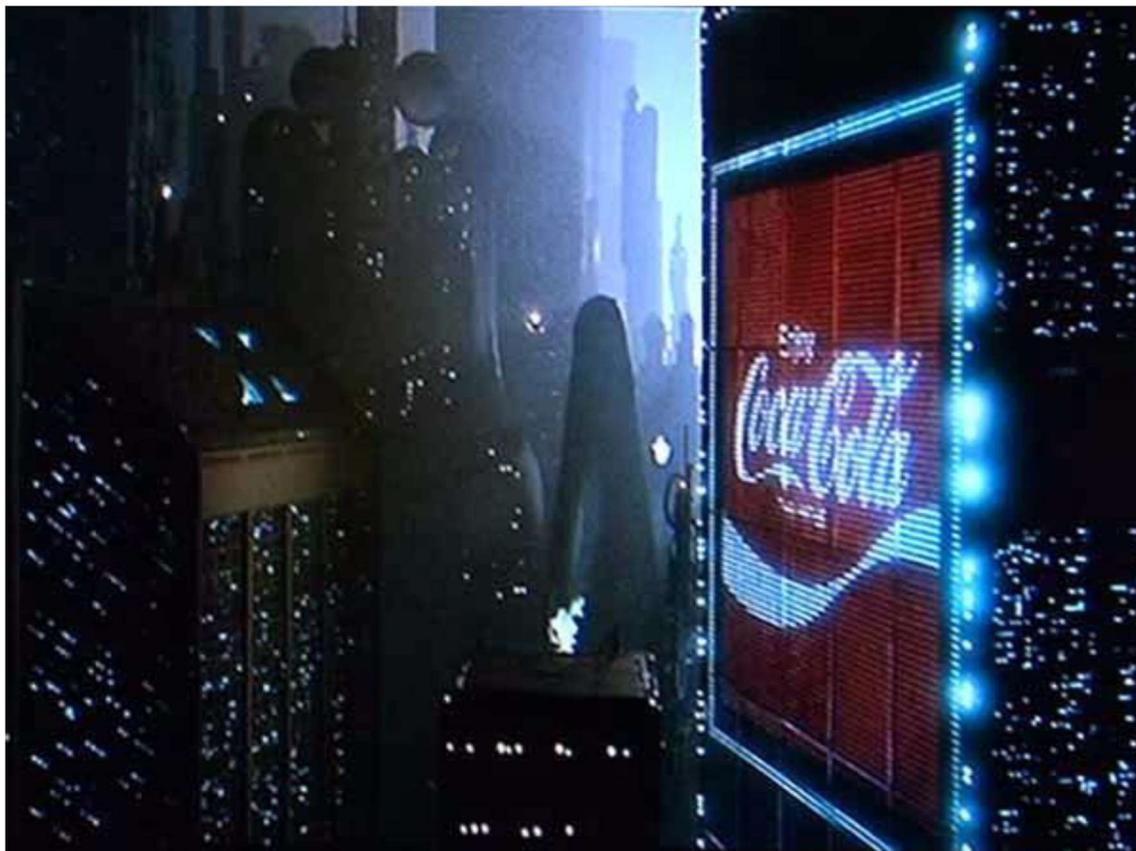
A vida das pessoas também é descartável, veja a vida de milhares pobres apodrecendo nas prisões, trabalhadores morando nas ruas; e instantâneas, relacionamentos rápidos, alegrias passageiras, ansiedade toma conta do ser que tem que viver cada vez de forma mais intensa, e consumir cada vez mais.

No filme fica claro a metáfora da descartabilidade da vida com os replicantes, são escravos que só tem utilidade para dar lucro, e são jogados no lixo depois de quatro anos de vida. O consumo é a todo momento incentivado com a publicidade luminosa que contrasta com a escuridão chuvosa do filme. Durante grande parte da obra somos inundados por publicidades, que são as criadoras de necessidades para consumirmos mais.

retornarem à Terra são exterminados pelos blade runner's, força policial que tem como função “aposentar” replicantes. Alguns deles liderados pelo replicante Roy voltam ao nosso planeta para acharem seu criador, nesse caso Eldon Tyrel, pois querem viver por mais tempo, são NEXUS 6, modelo que apresentou problemas, começaram a tomar consciência e ter sentimentos após quatro anos de vida; por isso são projetados para se desligarem, “morrerem, após esse tempo. Eldon tem uma sobrinha, Rachel, que na verdade é uma replicante que tem implantes de meórias da sobrinha de Tyrrel, ela acaba se envolvendo com o protagonista blade runner Deckard e descobrindo sobre sua condição.

4 Depois da acumulação primitiva do capital tivemos o regime de acumulação extensivo (que durou desde o período da revolução industrial até o final do século XIX); o regime de acumulação intensivo (vigente do final do século XIX até a segunda guerra; o regime de acumulação intensivo-extensivo (que vai do Pós-Segunda Guerra Mundial até o final do século XX; o regime de acumulação integral (que vai do final do século XX até a atualidade). O regime de acumulação extensivo é o primeiro regime de acumulação capitalista propriamente dito. Ele se caracterizava pela extração de mais-valor absoluto, pela vigência do Estado liberal e do neocolonialismo. O regime de acumulação intensivo, que o substituiu, caracterizava-se pela busca de aumento de extração de mais-valor relativo, através do taylorismo, pelo estado Liberal-democrático e pelo imperialismo financeiro, fundado na exportação de capital-dinheiro. O regime que o sucedeu foi o intensivo-extensivo, no qual o fordismo buscava ampliar a extração de mais-valor relativo no bloco imperialista e a extração de mais-valor absoluto no bloco subordinado, o que foi completado pelo Estado Integracionista (*welfare state*) e pela expansão oligopolista transnacional. O regime de acumulação integral busca ampliar simultaneamente a extração de mais-valor relativo e absoluto e tem como complemento necessário para efetivar isso o Estado Neoliberal e o Neoimperialismo (VIANA, 2009b, p.34-350).

FOTOGRAMA 01



Outdoor luminoso de publicidade da Coca-Cola no filme Blade Runner

Uma sociedade que descarta seus trabalhadores, extermina quem está na base da produção, e induz o consumo com excesso de publicidade, eis a sociedade capitalista da década de oitenta sendo projetada de forma exagerada na distopia *bladerunneriana*.

A história da humanidade é a história da luta de classes, como dizia Marx e Engels no *Manifesto Comunista*. A história no filme também; fica evidente a luta de classes, os replicantes contra a classe burguesa que quer impedi-los de viverem mais, e de retornarem ao planeta Terra. Na ficção científica há uma tradição de representar essa luta entre os de cima e os de baixo, como no filme *Metrópolis*, de Fritz Lang, onde a classe dominante vive na superfície da cidade e os proletários no subsolo, onde trabalham também. Em *Elysium* os mais ricos vivem em uma estação espacial, os miseráveis, explorados e parte das pessoas com funções importantes para manter a ordem e os lucros ficam no planeta terra. Na obra cinematográfica aqui analisada não é diferente, a elite mora em outros planetas, colônias espaciais, e os pobres, doentes e classes auxiliares como os *blade runner's*, e burocratas essenciais para manter a produção, a ordem, os lucros e a produção ficam no planeta Terra; além disso temos também a subdivisão entre os miseráveis, moradores de rua, pobres morando na superfície próximos a rua e os mais ricos nos altos dos edifícios.

Um aspecto muito importante em nossa análise cenográfica é o fato de *Metropolis* e *Blade Runner* serem filmes "verticais", e tal verticalidade ser aplicada como uma metáfora da hierarquia social e do conflito de classes. No que respeita a arquitetura, as metrópoles do futuro de ambos os filmes erguem-se verticalmente, constituindo uma alegoria da estratificação social. Em ambos os filmes, e no interior de algum arranha-céu que ocorre o conflito desencadeador da ação; no caso de *Metropolis*, a visita de Maria a suas crianças ao Jardim dos Prazeres, e em *Blade Runner*, o crime de Leon contra o policial Holden. Tanto a personagem Maria, de *Metropolis*, quanto o personagem Leon, de *Blade Runner*, são intrusos, indivíduos que invadem um espaço que lhes é vetado, bem acima do nível das ruas. A partir dessa intrusão, ambos os filmes irão descrever uma trajetória que vai dos subterrâneos- no caso de *Metropolis*- ou do nível das ruas - em *Blade Runner*- ao topo dos enormes arranha-céus, santuários das elites ou grandes corporações. A partir daí fica patente uma organização social que se dá verticalmente, com as classes oprimidas ou desfavorecidas relegadas a níveis inferiores, enquanto as classes dirigentes abrigam-se bem acima da superfície (SUPPIA, 2002, p.48).

Nessa disputa, o Estado que passa a imagem de ser neutro, justo e representante da coletividade é representante da classe burguesa, que ideologicamente inverte essa realidade criando uma falsa consciência (MARX; ENGELS, 1998); devido a isso o personagem do ator Harrison Ford acredita que está fazendo justiça, combatendo o crime e salvando as “pessoas de bem” ao exterminar replicantes infratores da lei. Na luta de classes explicitada no filme, a parte de coerção física é feita pelos *blade runner's*.

Aqui vemos uma crítica a truculência do Estado neoliberal, mas que em outros filmes de sucesso da mesma década é invertida e colocada como salutar, veja os exemplos de filmes estrelados pelos astros de filmes de ação como Stallone, Van Damme, Bruce Willis etc.; filmes são exemplificados nas obras *Cobra*, a saga *Desejo de Matar*, *Duro de Matar*, *Máquina Mortífera* dentre outros. “Você é a doença, eu sou a cura”, fala do filme *Cobra* que mostra a visão da sociedade estadunidense sobre o crime e sobre o controle social.

Em *Blade Runner* há um discurso contrário, não um endeuamento da violência, mas sua denúncia, como na cena da morte de Zhora, que morre com tiros nas costas e desarmada, por Deckard.

FOTOGRAMA 02



Cena de Zhora quando é atingida por tiros nas costas

O interessante é que o protagonista, que inicialmente nos é apresentado como herói, com seu ar policial *noir*, passa a ser questionado e ser um possível vilão; entretanto, é na verdade um ser apático, burocrata que não questiona as ordens e sua função, apenas as cumpre mecanicamente para receber um salário e continuar vivendo sua vida vazia, como a maioria das pessoas que são reificadas, mercantilizadas, compradas e vendidas no mercado.

O protagonista do filme não é simplesmente um ser violento e autoritário, ele é um ser apático, que cumpre ordens, acredita que fazendo seu serviço está contribuindo para manter a ordem afastando o perigo representado por essas réplicas. A caracterização de Deckard é de um homem solitário, sem amigos ou família; seu rosto não tem muita expressão, gélido e burocrático, poderíamos dizer sobre sua pessoa.

Um policial burocrata que tem a incumbência de matar pessoas não consideradas humanas, marginais, mão de obra escrava que se insubordinaram. Analisando este personagem vemos a maioria das pessoas em nossa sociedade burocratizada, seres humanos apáticos, perdidos nas engrenagens do sistema bancário, industrial, comercial e estatal; cumprindo ordens, carimbando, apertando parafuso, acionando botões sem pensar nas consequências sociais, humanas, ambientais, apenas girando a máquina que mantém a sociedade industrial funcionando, conservando o mundo tal como ele é.

Deckard começará a questionar essa sociedade quando se envolve emocionalmente com Rachael, replicante que como ele está perdida e desnordeada nesse mundo, agora será uma possível vítima de algum Blade Runner. O personagem de Ford não se imagina caçando e matando Rachael, isso fica evidente após a mesma salvar sua vida quando Deckard iria ser morto por Leon em uma rua, Rachael pega a arma de Deckard, que estava jogando no chão, e atira contra o replicante matando-o.

Após esse incidente os dois personagens vão ao apartamento do caçador de andróides, embalados pela trilha romântica tem uma noite amorosa e sexual, Deckard está a meio caminho de sair de seu entorpecimento, abrindo os olhos para o que está implícito, programado e invertido pela ideologia burguesa, que coloca os dominados como vilões, e a morte dos mesmos como justiça (BASTOS, 2018, p.87-88).

Deckard passa a questionar o mundo onde vive, as relações sociais de produção envolvendo os replicantes, e a vida em si desses seres quando se relaciona amorosamente com a androide Rachel, daí surge a empatia entre os dois.

Como continuar exterminando seres que querem apenas mais tempo de vida? No filme percebemos que o caçador de androides continua com sua tarefa até o final da obra, somente no fim, após a morte do último replicante que ele, Deckard, toma consciência de seu papel no controle social mortífero, e de como os seres violentos e homicidas, que eram os replicantes caçados por ele, eram também vítimas de perseguição, escravos com pouco tempo de vida que só queriam liberdade e mais tempo para viverem nesse mundo decadente, sujo, poluído e escuro.

É com a morte de Roy, o líder dos replicantes ao final do filme que temos o momento mais poético e melancólico de toda a projeção; é o ponto alto onde há a mudança de perspectiva do protagonista, a inversão da ideologia que dominava seu modo de ver o mundo e os replicantes. As últimas palavras de Roy, que tiveram suas últimas linhas acrescentadas pelo ator Rutger Hauer, durante a produção, são as principais motivadoras dessa mudança e do ar lúgubre que entristece e emociona na obra.

Eu vi coisas que vocês não imaginariam. Naves de ataque em chamas ao largo de Órion. Eu vi raios-c brilharem na escuridão próximos ao Portal de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva. Hora de morrer (Blade Runner).

A contribuição do ator reforça a ideia de que o cinema é uma produção coletiva, ela não é obra de um único autor, como na literatura; nela temos o papel do roteirista, do produtor, dos atores, do editor etc. Obvio que alguns tem um papel mais importante, geralmente o diretor, as vezes o diretor e roteiristas, mas durante muito tempo na indústria cinematográfica estadunidense esse papel foi do produtor.

O momento da morte do replicante embalada pela trilha sonora de Vangelis traz a tona todo o questionamento apresentado ao longo do filme sobre a dignidade humana, precarização do trabalho, reificação⁵, fetichização da mercadoria, razão instrumental, desumanização.

⁵ Coisificação, na reificação o ser humano passa a ser mais um objeto, ferramenta, coisa; sendo assim desumanizado.

FOTOGRAMA 03



Roy em seu diálogo após salvar a vida de Deckard⁶

⁶ O filme começa com um texto explicando alguns elementos da obra e segue uma panorâmica da cidade futurista, mostrando torres cuspidando fogo, altos prédios, uma mistura de construções futuristas com ambientação noir, parecida com os filmes policiais dos anos quarenta e cinquenta do século XX. Após isso temos um Blade Runner, Daven Holden (Morgan Paull), fazendo o teste com a máquina Voight-Kampff, ela se parece com o polígrafo e serve para medir funções corporais, emoções e outras características que diferenciam humanos de andróides; ela serve para identificar os replicantes. O teste está sendo aplicado em Leon (Brion James), durante o teste percebe-se que Leon é um replicante, neste momento Leon dispara contra Holden. Nas cenas seguintes aparece o personagem protagonista Rick Deckard, vivido por Harrison Ford, ele está jantando em uma barraca de macarrão japonês, durante esse instante é detido por Gaff (Edward James Olms), pois Deckard se recusa a acompanhá-lo para falar com Bryant, antigo chefe do Blade Runner. Chegando ao prédio onde Bryant (M. Emmet Walsh) está vemos uma arquitetura antiga, provavelmente dos anos cinquenta, que nos remete ao cinema policial noir, assim como as roupas de Deckard com seu sobretudo parecido com os policiais e detetives particulares daqueles filmes. Bryant fala a Deckard o que aconteceu a Holden e diz que o Blade Runner deve continuar o trabalho do colega caçador de andróides, que estava à procura de quatro replicantes fugitivos de uma colônia espacial, seriam eles Leon, Pris (Daryl Hannah), Zhora (Joanna Cassidy) e Roy Batty (Hutger Hauer), o líder do grupo. Deckard aceita o trabalho e começa sua odisseia indo até a empresa Tyrrel, responsável pela fabricação dos replicantes, e pelo seu aperfeiçoamento com a nova série Nexus 6, a qual pertence os andróides fugitivos do filme; esta nova série é mais forte, mais inteligente, mas com menor tempo de “vida”, duram apenas quatro anos, pois percebe-se que essa nova geração começa a criar sentimentos e passa ter ações contestatórias. Importante frisar que é devido a essa sobrevida curta que os replicantes fogem para a Terra a procura de seus criadores para poderem reverter esse processo e viverem por mais tempo. Já na empresa o personagem de Ford conversa com o proprietário e cientista Eldon Tyrrel (Joe turkell), o mesmo pede para Deckard fazer o teste em sua sobrinha e funcionária, Rachael (Sean Young), para mostrar ao Blade Runner como pode ser falho o teste Voight-Kampff. Após a aplicação do Voight-Kampff chega-se à conclusão que Rachael também é uma replicante, em conversa com Tyrrel o Blade Runner questiona o dono da empresa sobre Rachael e Tyrrel lhe fala que ela é um replicante com memórias falsas, inseridas artificialmente. Essas memórias são da verdadeira sobrinha do empresário e a replicante não sabe que é uma andróide. Rachael fica sabendo de sua condição e procura Deckard, em seguida o caçador vai até o endereço de Leon descobrindo fotos e uma escama de animal, pistas que o investigador usará para descobrir o paradeiro dos outros replicantes. Em uma narrativa paralela aparece Roy Batty e Leon que vão até um produtor de olhos artificiais que trabalha para a Tyrrel em busca de respostas, com ele ficam sabendo da existência de F.J. Sebastian (Willian Sanderson), funcionário das empresas Tyrrel que tem livre acesso a Eldon e mora sozinho num edifício abandonado, com essa informação Pris, replicante fugitiva e namorada de Roy vai até a casa de Sebastian, o mesmo a encontra dormindo

Problemas ambientais são explícitos com o extermínio de grande parte da flora e fauna, não vemos vegetação no filme, grande parte dos animais são réplicas, como a coruja e cobra mostradas na tela. Inclusive no livro de Philip K. Dick, que é a base do roteiro do filme, o protagonista deseja ter um animal de “verdade”, mas é muito caro, por isso ele tem somente réplicas.

Moradores de rua, poluição visual, chuva ácida intermitente, escuridão, planeta cheio de miseráveis, doentes e marginalizados; tudo isso traz uma tristeza latente para nossos olhos, que são ainda mais intensos com a questão da exploração, perseguição e eliminação dos replicantes.

Quando analisamos a mensagem do filme, que é o mais importante na análise, pois é onde estão os sentimentos, projetos, valores, ideologias, anseios, desejos da equipe; onde está o que o filme quer dizer, podemos perceber um filme crítico, que faz uma crítica social ao capitalismo.

O filme, neste sentido, é um produto social e histórico e, por conseguinte, possui uma historicidade que é dependente da historicidade da sociedade. Os filmes são criações coletivas que são manifestação social e do social. Por conseguinte, a mensagem de um filme é constituída socialmente, por meio das determinações anteriormente colocadas. O filme realiza uma reprodução da realidade social e o faz de uma forma determinada. A compreensão desta forma remete ao contexto histórico e social que estão na base de sua produção e os agentes que a realizam. Uma expressão figurativa da realidade é sempre expressão de quem expressa e, por tanto, a forma como se realiza- ou seja, a mensagem é repassada- determinada concepção de realidade é produto dos agentes do seu processo de produção em condições sociais e históricas delimitadas. Estes agentes interpretam e se posicionam diante deste processo histórico de forma diferenciada, dependendo dos valores, concepções, sentimentos, informações e interesses que possuem (VIANA, 2009, p.70).

Entretanto falta uma visão mais otimista sobre mudança social e política, ainda fica um aspecto mais individualista e sem espaço para algo mais radical. Temos então uma crítica social pessimista sobre nosso futuro e presente.

entre sacos de lixo na rua e a convida para ficar em sua casa. Seguindo as pistas encontradas na casa de Leon, Deckard chaga até Zhora, uma das replicantes que trabalha em um clube de strip-tease. Zhora consegue enganar o personagem de Ford e fugir para a rua, ele vai atrás dela e na perseguição pelas ruas cheias de imigrantes, fumaça, carros a encontra e executa com tiros pelas costas. Após a morte de Zhora, Leon vai até o encontro de Deckard e tenta matá-lo, porém, não obtêm êxito, o Blade Runner é salvo por Rachael que atira na cabeça de Leon, após esse incidente Deckard e Rachael vão para o apartamento de Deckard onde começam um relacionamento amoroso embalado pela trilha sonora de Vangelis. Roy Batty vai à residência de Sebastian se encontrar com Pris e pedir ajuda ao funcionário de Eldon para falar com o empresário, F.J o ajuda e ao chegar ao quarto onde mora Tyrrel, no alto de um edifício, Roy tem um intenso e filosófico diálogo com seu criador que acaba com a morte de Eldon tendo seus olhos e perfurados. F.J foge, mas em vão, pois acaba morto também. Com a morte de Tyrrel, Deckard chega ao paradeiro dos dois últimos replicantes, extermina Pris e depois passa a ser perseguido por Roy no prédio abandonado onde residia F.J. Sebastian; após ficar pendurado e ser salvo por Roy o Blade Runner presencia as últimas palavras do replicante e sua morte logo em seguida. No final da obra há a fuga de Deckard e Rachael, pois ela sendo uma replicante possa a ser um alvo do controle social sobre os androides marginais rebelados (BASTOS, 2018, p.56-58).

O conceito de crítica social que adotamos nesse texto é o de Nildo Viana:

A crítica é um projeto de superação das ideologias e ilusões e da realidade social que as produz cujo objetivo é expressar a perspectiva do proletariado e contribuir com a transformação social. A crítica, então, nasce como um projeto de superação visando a transformação social, cujo objetivo é simultaneamente a realidade social existente e suas manifestações intelectuais ilusórias, expressando a classe revolucionária de nossa época, o proletariado (VIANA, 2013, p82).

Para o supracitado autor temos duas formas de crítica:

Nesse diapasão temos duas formas de crítica, uma é mais radical e totalizante, e é coerente com o conceito de Marx descrito acima, a outra é mais genérica e fragmentária, dessa forma podemos dizer também que tende mais para o conservadorismo.

A primeira é a crítica social radical, que pode ser inspirada pelo marxismo com uma teoria da realidade e um projeto revolucionário alicerçado na perspectiva do proletariado, e a outra é a crítica social utópica abstrata, mais idealista e baseada num humanismo abstrato. Já a segunda forma se subdivide em crítica moralista ou fragmentária, que se baseia na moral vigente e dessa forma crítica aqueles que saem dessa estrada cimentada pela tradição, e na maioria das vezes é vista de forma fragmentária, sem um olhar sobre a totalidade das relações sociais concretas. A outra forma é a crítica social pessimista, essa une recusa e conformismo, nas palavras de Viana: “Por um lado, demonstra descontentamento e recusa de uma determinada realidade, mas, por outro, não apresenta nenhum projeto de transformação social ou coloca sua possibilidade” (VIANA, 2013 apud BASTOS, 2018, p.20).

A crítica social pessimista é coerente com a ficção científica distópica⁷, que olha com pessimismo para o futuro, mas abre espaço para mudanças criticando as aberrações sociais de seu tempo como o filme *Blade Runner* o faz em relação a violência estatal, precarização do trabalho, exploração do ser humanos, poluição e destruição do meio ambiente.

Considerações Finais

Os regimes de acumulação não mudam radicalmente a sociedade, a passagem de um para outro muda apenas a forma do modo de produção, com suas determinadas formas de Estado, de exploração, luta de classes e imperialismo.

Com o advento do regime de acumulação integral tivemos o surgimento de novas formas de exploração do mais-valor⁸ do proletariado, seguido de resistência e intensificação da

⁷ Há obras artísticas utópicas e distópicas, a utopia é uma crítica a sociedade atual, e uma elaboração de outra sociedade onde não tenha os mesmos problemas da nossa; já a distopia é uma crítica também a sociedade atual, porém a sociedade projetada no futuro é mais sombria, pois ela traz os mesmos problemas e/ou intensifica os problemas do mundo atual. Serge Bernstein (BERSNTEIN,2016) critica o uso do termo distopia, ele prefere *ucronia*, por achar distopia uma antiutopia, uma visão contrária a crítica da sociedade atual, sendo uma crítica burguesa contrária a utopia; porém nós optamos pela distopia por achar que ela é sim uma crítica a sociedade capitalista, todavia, com um tom mais sombrio e melancólico.

⁸ O valor da mercadoria não se dá apenas pela transferência dos gastos do burguês com meios de produção para a mercadoria, é o trabalho que acrescenta o valor da mercadoria, mais especificamente o tempo social médio de produção de uma mercadoria. Porém, o trabalhador trabalha para repor os gastos do capitalista com seu salário, e ainda trabalha para produzir um mais-valor ao burguês, produzindo mais do que devia para receber o mesmo valor salarial. É esse mais-valor que será a base do lucro das indústrias (BASTOS,2018, p.33).

luta de classes; assim como uma nova forma de expansão do capital para outros países, o neoimperialismo, chamado eufemisticamente de globalização para encobrir o caráter de dominação de nações imperialistas sobre as subordinadas.

É nesse contexto que se dá a produção do filme *Blade Runner*, e suas críticas ao capitalismo contemporâneo, a forma de sociabilidade individualista e solitária, a superexploração da mão de obra, que na sua base se degrada mais até do que a assalariado se tornando escrava e sendo produzida em série e larga escala como qualquer outra mercadoria e produto, são os replicantes.

Na obra temos uma contundente e ácida crítica social ao capitalismo, a degradação do meio ambiente exposta na falta de vegetação, nos animais sintéticos, na chuva ácida e na escuridão permanente; crítica a violência estatal na figura dos *blade runner's*. E acima de tudo, crítica a desumanização, reificação e descarte de vidas como se fossem objetos que podemos usar e depois jogar fora.

Todo esse discurso está sob a égide de uma ambientação soturna e noturna, uma distopia com uma iluminação expressiva dando ênfase ao contraste luz e sombra; tudo isso de forma melancólica. O tom lúgubre aqui não é adereço, a melancolia é sinônima de distopia e está relacionada a crítica social pessimista do filme; a tristeza é política nesse filme!

Assim como concluímos em nossa dissertação de mestrado (BASTOS,20018), apesar do tom crítico em relação ao capitalismo o filme não traz uma proposta política radical e revolucionária, dialoga com o reformismo individualista na moda, mesmo assim é uma obra de arte acima da média, um clássico da ficção-científica que levanta muitas questões em seu universo ficcional; entretanto não vislumbra a emancipação humana e o fim do alicerce de dominação e exploração que a obra critica, que é a sociedade capitalista.

Referências bibliográficas

BERNSTEIN, Serge. *Utopia e Ucronia: concepções da sociedade futura*. Revista Sociologia em Rede, vol. 6 num. 6, 2016.

BASTOS, Clodoaldo do Nascimento. *Capitalismo e crítica social no filme Blade Runner*. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2018.

HOBSBAWM, E. *A Era dos Extremos - o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

MARX, K; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. *A Metropole Replicante: de Metropolis a Blade Runner*. [s.n.]. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, SP,2002.

VIANA, Nildo. *A Concepção Materialista da História do Cinema*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2009.

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem: Análise e Assimilação*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. *Quadrinhos e Crítica Social: o universo ficcional de Ferdinando*. Rio de Janeiro: Pensamento Brasileiro, 2013.